

## 5

### O sentido da experiência escolar

A motivação inicial dessa pesquisa consistia em ouvir o que os jovens pensavam sobre a escola. Em meio a um sistema educacional repleto de problemas, lacunas e contradições, ouvir o que o jovem tinha a dizer sobre a instituição escolar mostrou-se como uma nova forma de compreender esse jovem. O aluno, sujeito pertencente a esse universo, talvez o grande protagonista de todo o sistema, deveria sim ser ouvido. Com isso, diferentes perspectivas de análise poderiam surgir, permitindo múltiplas reflexões sobre o assunto. Ouvir esse aluno, compreender qual o sentido que esse jovem atribui à experiência escolar, mostrou-se, então, como uma alternativa na busca de elementos que enriqueçam a discussão sobre o sistema educacional atual.

#### 5.1

##### Quem são eles, afinal?

Os jovens são o que são, mas também (sem que o sejam) o que deles se pensa, os mitos que sobre eles se criam. Esses mitos não refletem apenas a realidade, ajudam-na também a instituir-se como uma idealização ou ficção social. O importante é não nos deixarmos contagiar por equívocos conceituais que confundem a realidade com as representações que a conformam ou dela emanam.<sup>1</sup>

Nunca as características e valores ligados à juventude, como energia e estética corporal ou mesmo a busca do novo, foram tão louvados, num processo que poderíamos chamar de *juvenilização*<sup>2</sup> da sociedade. Entretanto, na contramão desse processo, a juventude ainda não é encarada como sujeito de direito capaz de expor suas idéias com seriedade. É muito comum nas escolas e programas educativos a palavra do jovem, quando é levada em conta, posicionar-se em ultimo lugar. Dificilmente o jovem é encarado como interlocutor válido, capaz de emitir opiniões e interferir nas propostas que lhes dizem respeito, o que desestimula, certamente, sua participação e protagonismo.

---

<sup>1</sup> PAIS, José Machado. Máscaras, jovens e “escolas do diabo”. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, jan/abr. 2008, p. 8.

<sup>2</sup> Expressão utilizada por Juarez Dayrell e Nilma Gomes. In: DAYRELL, Juarez e GOMES, Nilma. **A juventude no Brasil**. Disponível em [www.cmjbh.com.br](http://www.cmjbh.com.br), p. 1.

São diversas as imagens que se criam em torno da juventude contemporânea. Como afirma Dayrell, perceber a juventude em sua condição de transitoriedade seria uma delas: nesse caso, o jovem é sempre “um vir a ser”, como se todas as suas atitudes, atividades e opiniões só encontrassem sentido quando pensadas no futuro, na passagem para a vida adulta. Sendo assim, há uma tendência a encarar a juventude em sua negatividade, como o que não se chegou a ser, negando, de certa forma, o presente vivido. Essa concepção encontra-se muito presente na escola: em nome do vir a ser do aluno, traduzido no futuro diploma, acaba por negar o presente vivido dos jovens como espaço válido de formação, de troca, de diálogo. Quando imbuídos dessa concepção, os projetos educativos perdem a oportunidade de dialogar e compreender as reais demandas e necessidades desses jovens, distanciando-os dos seus interesses do presente, o que diminui as possibilidades de um envolvimento efetivo nas propostas educativas. Normalmente nas escolas as decisões são tomadas sem levar em conta o que o aluno pensa. Há uma opinião do senso comum em que se define o jovem como imaturo, como se não tivesse responsabilidade ou opinião formada para decidir determinados assuntos. É claro que a adolescência é, é verdade, uma fase de transição para a vida adulta. No entanto, ouvir esse jovem poderia ser a oportunidade de reformular determinadas questões que envolvem o ambiente escolar, pois, na medida em que o jovem é ouvido, torna-se responsável também pelas escolhas e decisões que tomou, sentindo-se ainda mais pertencente àquele universo, no qual ele também tem voz.

Essa imagem de transitoriedade convive com outra que, de certa forma, a complementa: a juventude vista como problema. Essa imagem ganha visibilidade quando associada ao crescimento do índice de criminalidade, violência, consumo e tráfico de drogas, expansão de doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce. Certamente não há como negar essas questões e perceber que devem ser equacionadas. No entanto, ao conceber o jovem de maneira reducionista, vendo-o apenas sob a ótica do problema, as ações em prol da juventude passam a ser focadas na busca da superação desses conflitos, enfatizando o jovem que se encontra em situação de risco como se essa situação fosse uma característica comum da juventude. Segundo Dayrell, tal postura inibe o investimento em ações baseadas na perspectiva dos direitos, ações capazes de

desencadear políticas e práticas que focalizem a juventude nas suas potencialidades e possibilidades.

Diante de tais considerações, verifica-se que, para compreender o que pensam os jovens, faz-se necessário despir-se destas imagens construídas pelo imaginário. Ao manter-se arraigado nesses modelos socialmente construídos, corre-se o risco de analisar o jovem de forma negativa, dando ênfase às características que lhes faltariam para corresponder a um modelo ideal de “ser jovem”. Agindo dessa forma, não conseguimos apreender os modos pelos quais os jovens reais constroem a sua experiência como tais, muito menos apreender as suas demandas. Sendo assim, a presente pesquisa buscou desprender-se de qualquer estereótipo que tentasse definir ou julgar as ações e características desse jovem, que na escola, muitas vezes é enxergado apenas como aluno.

## 5.2

### Onde tudo começa

Um enunciado é significante se tiver um sentido, se disser algo sobre o mundo e se puder ser entendido em uma troca entre interlocutores. Significar é sempre significar algo a respeito do mundo, para alguém ou com alguém. Tem significação o que tem sentido, que diz algo do mundo e se pode trocar com os outros.<sup>3</sup>

O que mobiliza um jovem a estudar? O que faz com que ele se interesse em aprender algo na escola? Quais interesses as aulas, os conteúdos trabalhados, despertam nesse jovem? Qual a importância que a escola possui em sua vida? Segundo diversos autores, como Charlot, Perrenoud, Dayrell e Sposito, todas essas questões giram em torno do sentido que esse jovem encontra nessas atividades. Dessa forma, o jovem se mobiliza em relação à escola de acordo com o sentido e importância que a escola tem em sua vida.

Antes de tudo, as crianças e jovens vão à escola, teoricamente, para aprender. Desde seu início, a escola possui como objetivo primeiro, transmitir determinado conhecimento que o aluno ainda não possui. Então, o sentido principal da escola deveria permear a questão dos saberes, do interesse e necessidade de adquirir determinados conhecimentos que só a escola seria capaz

---

<sup>3</sup> CHARLOT. Bernard. **Da relação com o saber. Elementos para uma teoria.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000, p. 56.

de transmitir. No entanto, até que ponto esses saberes são capazes de mobilizar os jovens, sendo capaz de levá-los a encontrar sentido na experiência escolar?

Para Perrenoud, a questão do sentido é central na análise da valorização da escola. Segundo esse autor, a relação com o saber e com a escola é definida como uma relação de sentido e, portanto, de valor, entre um indivíduo e os processos ou produtos do saber. Essa relação se enraíza na própria identidade do indivíduo, uma relação de identidade com o saber em que, o que está em jogo, é a própria natureza do ato de aprender: aprender é se apropriar do saber, construir um sentido que mobilize a aprendizagem.

Charlot afirma que só há saber em uma certa relação com o saber e só há aprender em uma certa relação com o aprender. Isso significa, segundo esse autor, que não se pode definir o saber, o aprender, sem definir, ao mesmo tempo, uma relação com o saber e com o aprender. Sendo assim, o que é aprendido só pode ser apropriado pelo sujeito se despertar nele algum interesse, se fizer sentido para ele: o sentido atribuído a um saber leva a envolver-se em certas atividades. Isso quer dizer que o sentido e o valor do que é aprendido está indissociavelmente ligado ao sentido e ao valor que o sujeito atribui a ele mesmo enquanto aprende (ou fracassa em sua tentativa de aprender).

Partindo desses pressupostos, pode-se afirmar que o sentido que o jovem atribui à experiência escolar depende da relação que se estabelece entre esse jovem e a escola. Faz sentido para um indivíduo algo que lhe acontece e que tem relações com outras coisas de sua vida, coisas que ele já pensou, questões que ele já se propôs. Dessa forma, a maneira que o jovem se relaciona com a escola, a maneira que encara a instituição, a mobilização que essa escola desperta nesse jovem, depende da relação, da percepção, do significado que as atividades ali desenvolvidas têm para esse indivíduo. É esta razão que sustenta a necessidade de existir uma articulação da escola com o contexto social e cultural envolvente: os alunos têm de ser capazes de integrar e relacionar a sua experiência escolar com todas as suas experiências de vida, porque isso é o que lhes permite construir um sentido.

Atualmente a relação do jovem com a escola é enxergada como tumultuada, repleta de desafios e tensões. Essa crise da escola seria também uma crise da relação da escola com a juventude, com jovens perguntando-se ao que a

escola se propõe. Os jovens vão as escolas todos os dias e parecem não encontrar sentido no que fazem ali. Muitos se questionam sobre o sentido de precisarem aprender todos aqueles conteúdos, pois não encontram motivos que tornem aqueles saberes relevantes para suas vidas. O currículo, distante da realidade dos alunos, provoca esses questionamentos. O envolvimento dos alunos com as disciplinas são diferenciados, dependendo da forma como cada um elabora o seu estatuto como aluno, mas também com a capacidade de atribuir sentido ao que é ensinado, o que, segundo Charlot, é condição essencial para a aprendizagem.

Para Dayrell o problema não se reduz nem apenas aos jovens, nem apenas à escola: tensões e desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mutações profundas que vem ocorrendo na sociedade contemporânea. Dessa forma, a escola deve ser repensada para responder aos desafios que a juventude nos coloca. A sociedade, num processo de constante mudança, oferece aos jovens uma série de atrativos que alteram a soberania da instituição escolar como fonte primeira de transmissão de conhecimento. Hoje, o jovem pode aprender sobre qualquer assunto dentro de sua própria casa, ligando um computador e conectando-se à internet. A televisão, jornais, revistas, estão cada vez mais disponíveis para esse jovem, que pode conhecer o mundo de forma completamente diferenciada do que ocorria há algum tempo. Se a escola já parecia algo enfadonho, desinteressante, distante da realidade dos alunos por volta de meados do século XX, em pleno século XXI os jovens dão sinais claros de que algo está fora do lugar.

Sposito afirma que as reações indisciplinadas dos jovens, os comportamentos revoltados dentro da escola seriam apenas condutas mais visíveis de recusa dos alunos, mostrando-se como uma reação evidente da falta de sentido que esses jovens têm para com a escola. Para Pais, esse sentimento de revolta surge, potencialmente, entre alunos que não reconhecem a escola como sua. Diante disso, Sposito propõe o seguinte questionamento: em que medida a violência escolar<sup>4</sup> não seria o elemento revelador de situações, a porta de acesso

---

<sup>4</sup> A autora utiliza o termo violência escolar quando se refere também à indisciplina escolar. Segundo a autora algumas atitudes dos jovens ultrapassam a simples indisciplina. Quando há enfrentamentos diretos, com conseqüências mais sérias (como agressões físicas, depredação do patrimônio), a autora afirma que o mais adequado seria utilizar a expressão violência escolar.

privilegiada para uma análise mais densa do próprio sentido da escola no mundo contemporâneo?<sup>5</sup> Segundo Sposito, faz-se extremamente necessário entender o sentido para compreender a falta de sentido que os jovens atribuem à instituição escolar.

O tornar-se aluno já não significa tanto a submissão a modelos prévios, ao contrário, consiste em construir sua experiência como tal e atribuir sentido a este trabalho. Implica em estabelecer cada vez mais relações entre sua condição juvenil e o estatuto do aluno, tendo de definir a utilidade social dos seus estudos, o sentido das aprendizagens e, principalmente, seu projeto de futuro. Enfim, os jovens devem construir sua integração em uma ordem escolar, achando em si mesmos os princípios da motivação e os sentidos atribuídos à experiência escolar.

Conclui-se, então, que tudo começa na relação de sentido que se estabelece.

### 5.3

#### Um futuro “sonhado”

A escola adquire sentido para o sujeito quando a experiência escolar entra no horizonte de suas expectativas de vida.<sup>6</sup>

Como já foi explicitado, a escola Tupinambá atende a jovens das camadas populares. Para tratar da questão da experiência escolar para os jovens, deve-se levar em conta a qual grupo social esse jovem pertence. O sentido da experiência escolar para jovens filhos das elites certamente é construído de forma diferenciada do sentido construído por um jovem pobre, de camadas sociais mais baixas. A camada social a qual esse jovem pertence não determinará sua relação com a escola, seu sucesso ou insucesso, porém, grande parte da postura que esse

---

<sup>5</sup> SPÓSITO, Marília Pontes. A instituição escolar e a violência. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**. Texto disponível em [www.iea.usp.br/observatorios/educacao](http://www.iea.usp.br/observatorios/educacao), p. 14.

<sup>6</sup> NOGUEIRA, Maria Alice, ROMANELLI, Geraldo e ZAGO, Nadir. Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Rio de Janeiro, Vozes, 2000 p. 36. Apud DUSCHATZKY, S. **La escuela como frontera – reflexiones sobre la experiencia escolar de jóvenes de sectores populares**. Buenos Aires: Paidós, 1999, p. 81.

aluno manifesta diante da instituição escolar advém de um habitus construído fora da escola. Segundo Maria Alice Nogueira, o estudo sobre a realidade escolar nos meios populares deve levar em consideração outras dimensões da vida do jovem além da estritamente escolar, dentre elas, a rede de relações sociais da qual esse jovem faz parte. A família, por intermédio de suas ações materiais e simbólicas, tem um papel importante na vida escolar dos filhos e este não pode ser desconsiderado. No entanto, é necessário estar atento para não cair num determinismo, numa simplificação, sem levar em conta o que esse jovem, sujeito que age e reage, pensa e opina, tem a dizer.

Para Nogueira a percepção que os jovens das camadas populares possuem hoje da escola é um processo que vem sendo construído há algum tempo, reflexo da valorização que a própria sociedade atribui à escolarização. Ainda em 1950, uma escolaridade de nível primário garantia o acesso a grande parte dos empregos de prestígio, mas, gradativamente, com a elevação do nível de escolaridade da população e conseqüente aumento das exigências escolares, o Ensino Médio passou a ser decisivo para alguém disputar uma vaga na maioria das ocupações do mercado de trabalho. Nos dias atuais, quando a inserção no mercado de trabalho vem sendo cada vez mais dificultada pela crise do desemprego, se especializar ainda mais vem se transformando em uma necessidade, uma alternativa que pode aumentar as chances do indivíduo de conquistar uma vaga. Esse processo, marcadamente crítico para os jovens do ponto de vista profissional, nada mais é do que a necessidade da sociedade de responder a tais mudanças.

Com isso, ir à escola transformou-se praticamente em algo indispensável para quem deseja pleitear uma vaga no mercado de trabalho. No caso das camadas populares, ir a escola mostra-se como principal e, às vezes, única alternativa digna para uma possível melhoria de vida ou, ao menos, uma forma de conquistar um emprego que possa garantir sua sobrevivência. Segundo Nogueira, uma análise do significado que os pais atribuem à escolarização de seus filhos revela que a valorização da instrução se alicerça em um principal pilar: integração no mercado de trabalho.

Nas oficinas trabalhadas com os jovens selecionados para a presente pesquisa, uma das perguntas foi: *qual é o seu maior sonho?* O objetivo dessa

pergunta era perceber se os sonhos desses jovens estariam atrelados à possível expectativa de mudança de vida depositada na escola. Em aproximadamente 90% das respostas, aparecia o sonho de melhoria de condições de vida, que seria alcançado caso conseguissem conquistar um diploma. Dessa forma, a conquista do diploma mostrava-se como requisito indispensável para que pudessem realizar seus maiores sonhos. Algumas respostas na tabela abaixo:

Tabela 1

<b>Qual é seu maior sonho?</b>
Ter um bom emprego estabilizado.
Fazer medicina e direito. Para conseguir eu corro atrás para que eu tenha um futuro bom.
Construir uma bela família e conviver bem com paz, e pra isso eu devo estudar e dar meu máximo.
Ter um bom emprego no futuro e que eu goste de fazer isso. Para conseguir isso eu vou ter que estudar muito.
Ser cantora e arquiteta. São as duas coisas que eu mais gosto. Quero estudar bastante, fazer aula de canto e aprender melhor matemática.
Quero conhecer Paris e o que eu preciso fazer para conseguir é estudar e trabalhar.
Meu sonho é ter uma vida digna e para realizá-lo muito estudo.
Passar na prova da FAETEC para curso de Propaganda e Marketing. Me dedicar e estudar bastante.
Me tornar uma decoradora. Que eu estude bastante para que possa realizar esse sonho.
Meu maior sonho é seguir uma profissão de bombeiro e para realizar esse sonho eu preciso estudar e me esforçar.
Me formar na faculdade de direito, ter boas condições financeiras e ser feliz. Ter fé em mim e não deixar me abater pelos obstáculos que a vida me apresentar.
Ser psicóloga e para isso é preciso muito estudo.
Me tornar uma grande dentista e uma química. Precisamos estudar bastante.
Ser marinheira. O que eu devo fazer para realizá-lo é lutar para consegui-lo.
Meu maior sonho é ser bombeira. Para realizá-lo eu tenho que estudar, é o que já estou fazendo.
Meu maior sonho é poder ajudar minha mãe em todas as necessidades dela.

Fazer faculdade de música.

Terminar meus estudos e trabalhar na plataforma

Ter uma faculdade e trabalhar bastante

Ser igual ao meu pai e estudar

Meu maior sonho é ser marinheiro e para isso preciso estudar

Meu maior sonho é ser bombeiro e fazer minha casa. O que eu preciso fazer para realizá-lo é estudar e correr atrás, porque nada cai do céu.

Ser enfermeira e para realizar esse sonho é preciso estudar muito.

Mesmo em alguns casos, onde os jovens não responderam de forma explícita sobre o valor da escola em seus sonhos, houve a indicação de forma indireta, apontando para a situação financeira como um pré-requisito para a conquista dos sonhos, *como ter minha festa de 15 anos, ter uma vida estruturada ou ir até a Bahia conhecer minha avó*<sup>7</sup>. Na fala desses jovens transparece o grau de expectativa que a instituição escolar desperta em suas vidas. Essa expectativa de mobilidade social mostra-se, em si, como um sentido, um motivo, que leve os jovens à escola. A obtenção do diploma seria, então, fundamental para conquistarem seus sonhos.

Os jovens foram questionados sobre a possibilidade de alcançarem o sonho – *Você acha que vai conseguir realizá-lo?* – e a maioria respondeu que sim, certamente conquistariam seus sonhos, mas não conseguiam explicitar claramente o que deveriam fazer para chegarem lá. A maioria dos alunos dizia que para alcançarem seus objetivos seria necessário muito estudo, cursar uma faculdade e *muita, muita força de vontade*. Todos os jovens que responderam que a escola era fundamental para realizarem seus sonhos, sem exceção, deixaram transparecer um discurso que demonstrava que seria preciso depositarem muito esforço nesse projeto, e alguns chegaram a dizer que sabem que seria *necessário remar contra a maré, mas com muita fé em Deus a gente chega lá*. Uma jovem – sonhava ser enfermeira - afirmou que conquistaria seu sonho porque é uma pessoa muito

<sup>7</sup> Nesse capítulo os trechos em itálico referem-se às perguntas e respostas feitas aos jovens durante a pesquisa. Alguns erros de concordância estão presentes pois as falas dos alunos foram fielmente reproduzidas.

dedicada ao que quer e porque *tem um Deus que vai ajudar*. Outro jovem disse que vai realizar seu sonho *porque eu sei se der o melhor de mim ninguém vai poder me deter. Sei que irei até o fim do mundo se for possível para poder ser feliz. Sou otimista e não desisto nunca!* A marca da religiosidade<sup>8</sup> estava muito presente na fala desses jovens como se precisassem de uma ajuda divina, superior, para alcançarem seus objetivos, como se fosse algo quase impossível de ser conquistado e que, para conseguirem, teriam que depositar todas as suas forças nesse objetivo.

Lucette Labache e Monique de Saint Martin<sup>9</sup> afirmam que os indivíduos, quando relatam suas trajetórias, mais especialmente quando estas são marcadas por uma mobilidade social, escolar, profissional, geográfica, residencial mais ou menos importante, os indivíduos também descrevem as fronteiras que tiveram que respeitar ou procuraram ultrapassar, contornar ou transgredir. Para as autoras a noção de fronteira, recentemente conceituada nas ciências sociais, revela-se essencial para a compreensão dos grupos sociais. Por um lado as fronteiras delimitam os contornos das categorias sociais (a participação desigual dos indivíduos na vida social) e, por outro, abrem espaços de troca e de encontro para que as classes se comuniquem entre si. Uma fronteira separa e possibilita troca entre duas unidades que se reconhecem mutuamente como diferentes. Essa noção constitui uma ferramenta teórico-metodológica particularmente pertinente para refletir sobre as atuais formas múltiplas de manutenção e recomposição da distância entre os diferentes grupos sociais e entre os indivíduos nas sociedades afetadas por processos mais ou menos fortes de recomposição social. As fronteiras separam o “nós” dos “eles” e interrompem, circunscrevem ou produzem segregações na distribuição de populações ou de atividades dentro das sociedades. Essas fronteiras não são dadas, constroem-se, ultrapassam-se e desconstroem-se no tempo e com o tempo. Enfim, todo o processo definidor de fronteiras sociais é o desfecho das lutas e conflitos pela classificação social e contra a desclassificação. Segundo as autoras, às vezes essas fronteiras sociais

---

<sup>8</sup> No universo dos 34 jovens selecionados para a pesquisa, 10 jovens declararam-se evangélicos, 11 jovens declararam-se católicos, 2 jovens afirmaram ser testemunhas de Jeová e 9 jovens afirmaram não possuir religião. 2 jovens não responderam a essa pergunta.

<sup>9</sup> Ver: LABACHE, Lucette e SAINT MARTIN, Monique. Fronteiras, trajetórias e experiências de rupturas. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 29, n. 103, maio/ago. 2008, p. 333-354.

desempenham um papel de “muralha” que protege de um risco ou de uma desclassificação social, outras vezes representa um “fosso” a ser transposto em busca de escapatória. No relato dos alunos, a escola delinea-se como trampolim para ultrapassar fronteiras. Seria o instrumento capaz de levá-los a “transportar” fossos, possibilitando uma mobilidade social, um instrumento contra a desclassificação e a favor da classificação – melhoria de vida. No entanto, manter-se na escola não parece tarefa fácil para esses jovens. O ofício de aluno não parece ser natural para eles, como se as lógicas socializadoras da escola se chocassem a todo o momento com os hábitos e costumes de vida desses jovens.

Do total dos 34 alunos selecionados para a pesquisa, 16 já haviam ficado reprovados alguma vez na escola - ver tabela 2. O índice de reprovação permite perceber a dificuldade que esses alunos possuem para se relacionar com a instituição escolar: essa quantidade de alunos reprovados demonstra uma trajetória repleta de percalços, idas e vindas que, segundo Nogueira, é típica das camadas populares. Diante desta realidade, a conquista do diploma seria algo em que esses jovens deveriam, realmente, depositar muito de sua dedicação e esforço. A relação com a escola mostra-se repleta de tensões para esse jovem, apesar de a enxergarem como alternativa mais viável para uma possível melhoria de vida. Para Nogueira, os percursos acidentados criam um distanciamento temporal com a escola, mas, em vários casos, a mobilização dos jovens para mudar sua posição na sociedade inclui a obtenção de um certificado escolar.

Tabela 2

<b>Reprovações</b>	
Nunca repeti o ano	18
Sim, repeti uma vez	12
Sim, repeti mais de uma vez	02
Não resposta	02

Ao serem questionados sobre os motivos que os levaram a ficarem reprovados, 10 jovens afirmaram que não estudaram o suficiente, pois tiveram dificuldades em organizar os estudos e entender a matéria dada; 2 acharam que a

escola foi muito exigente, com professores injustos; 1 teve problemas familiares e 1 deles afirmou ter ficado doente.

Diante desse quadro, a pergunta que se fazia era: por que para esses jovens a relação com a escola parece tão conflituosa, tão difícil, tão desinteressante ao ponto de não se sentirem mobilizados para estudar? Mesmo os que não possuíam problemas com reprovações, afirmavam que *a escola às vezes é muito chata, que não entendem nada que os professores falam e que o melhor da escola é mesmo os amigos, pois aprender a matéria mesmo, só as vezes*. Por que esses jovens, ao mesmo tempo em que afirmam que a escola é o principal agente transformador em suas vidas, a ponte que os levará ao alcance dos sonhos, não conseguem encontrar um atrativo – que não seja o futuro e sonhado diploma – que os desperte algum interesse em estudar?

Através da observação em campo, na sala de aula, foi possível perceber a postura desses jovens diante do saber, da transmissão de conhecimento. Na maioria das aulas – com exceção de duas disciplinas – os alunos pareciam não demonstrar nenhum interesse ao que era exposto pelo professor. Brincavam, riam, fingiam copiar os deveres, escutavam MP3, mexiam no celular e quando o professor chamava a atenção, todos riam e implicavam um com o outro. Os professores, com aparência de muito cansados, pareciam se dar por vencidos e já não tentavam impedir essas reações. Continuavam dando as aulas e raramente repreendiam os jovens por tais posturas. Na verdade, pareciam estar desanimados e o máximo que faziam era passar uma grande quantidade de deveres no quadro e pedir que os alunos copiassem. Após, falavam rapidamente sobre o conteúdo e, a essa altura, o tempo da aula já havia terminado. O professor se retirava da sala e os alunos ficavam sozinhos. Nesse momento, continuavam a conversar e rir como faziam durante a aula, como se o professor nunca estivesse estado ali. Olhavam ao relógio a todo o momento, perguntavam se poderiam ir para casa, se a aula já havia acabado, se o professor seguinte havia faltado. Essas posturas evidenciam uma falta de motivação tanto por parte dos alunos quanto por parte dos professores, como se as aulas não fizessem sentido para ambos. Assim como os jovens pareciam demonstrar dificuldades em se adequar à sua função de aluno, o professor parecia também estar desencontrado, como se não soubesse o que fazer

diante daquela situação. A aparência de cansaço e falta de motivação era constante na maioria dos professores.

Apenas nas aulas de duas disciplinas a postura dos alunos mudava completamente. E os professores também eram diferentes. Segundo os alunos, a postura deles mudava porque *as professoras são muito mais exigentes, e com elas não dá pra enrolar não, senão elas caem em cima da gente*. As duas professoras que ministravam essas disciplinas eram completamente diferentes uma da outra, mas com as duas, era possível perceber o interesse dos alunos em participar das aulas. Os motivos que levavam a isso eram também diferentes entre as duas, mas, em ambas as aulas, havia alunos interessados, fazendo perguntas, questionando.

A aula  $x$ <sup>10</sup> era a preferida entre os jovens e a professora também – a metade dos alunos considerava essa sua matéria preferida. A professora era bastante enérgica e exigente, voz grave e não admitia conversa em suas aulas e deveres incompletos. Exigia muito dos alunos, falava alto, chamava atenção, passava testes e trabalhos, olhava os cadernos para ver se as lições estavam completas. Ao mesmo tempo, demonstrava ser amiga dos jovens e compreendê-los. Parecia sempre aberta para ouvir seus problemas, era sincera, e os alunos gostavam disso, mesmo quando eram criticados. Suas aulas eram sérias, mas havia momentos de descontração em que ela ria, contava piadas e todos adoravam. Essa professora demonstrava muita paixão ao ensinar e nunca parecia cansada. Segundo ela, descobriu o magistério tarde, pois antes de ser professora era enfermeira e não gostava muito - disse ser uma profissão muito triste, pois lidava com a morte. Na educação não, ela disse se sentir feliz e realizada, pois trabalhava com vidas e vidas jovens, cheias de histórias pela frente. Os alunos a adoravam. Ela parecia muito dedicada, agendava passeios pedagógicos<sup>11</sup> e afirmava que era uma pena que os outros professores não investissem nos jovens como ela. Ela parecia saber que era diferente dos outros professores e que era amada por conta disso.

---

<sup>10</sup> Não foi citado o nome das disciplinas em virtude do anonimato da pesquisa. Por isso, usaram-se as expressões  $x$ ,  $y$  e  $k$  para substituir os nomes.

<sup>11</sup> Durante a pesquisa de campo a professora convidou a pesquisadora para ir a um passeio pedagógico ao planetário, acompanhando a turma. Foi uma tarde agradável e os alunos parecem ter gostado bastante. A maioria deles nunca havia ido a um planetário.

Já a professora da disciplina *y* era bastante diferente. Afirmava ser *tradicional* e desde o primeiro momento em que a pesquisadora entrou em sua sala, a professora deixou isso bem claro. Ela mesma se auto definia dessa forma e dizia que precisava do silêncio e organização para dar aulas. Antes de sua chegada a turma ficava eufórica, organizando as carteiras em fileiras impecáveis, catava o lixo – papéis de bala, bolinhas de papel – e limpava o quadro. Quando a professora entrava o silêncio era total e todos só ouviam o que ela tinha a dizer. Sua voz era baixa e pausada e ela dava aula sentada. Explicava o conteúdo dessa forma. O silêncio mantinha-se até o fim da aula e alguns alunos levantavam o dedo para fazerem algum tipo de pergunta. A professora respondia a todas, sempre sentada. Ao final da aula ela se despedia e quando saía, os alunos voltavam a conversar e mudavam as carteiras de lugar, sentando em duplas ou trios.

Ao conversar com os alunos sobre as aulas, a maioria deles afirmou gostar muito da aula da disciplina *x* *porque a professora é muito boa*. Eles diziam: *ela se preocupa com a gente, quer saber se a gente fez a tarefa, se está tudo bem. Ela trata todo mundo igual e não fica puxando saco só dos bons alunos*. Em relação à disciplina *y*, a postura foi outra: apesar de os jovens afirmarem gostar da aula, gostar do silêncio, gostar da professora, disseram que não conseguiam entender muito o que ela dizia e que só ficavam quietos *porque uma vez a professora conseguiu expulsar um aluno da escola*.

A aula que menos gostavam era da disciplina *k* – essa era unanimidade. Todos os alunos diziam que *k* era a pior matéria, *pois o professor é um grosso, ele xinga a gente e trata a gente mal*. Durante as observações isso não foi evidenciado – será que pela presença da pesquisadora em sala? - mas transparecia uma falta de interesse do professor para com os alunos: ele não parecia se incomodar com a indisciplina, com o cumprimento de tarefas e suas aulas eram desorganizadas.

Ao observar as diferentes aulas e as diferentes posturas dos alunos diante delas, foi possível perceber que os jovens da pesquisa se envolviam mais ou menos com determinada disciplina, dependendo da postura que o professor possuía. O envolvimento com os conteúdos era resultante de um processo relacional entre professor e aluno. Se havia uma relação de entendimento,

conversa, como no caso da primeira professora, os jovens conseguiam ter um envolvimento maior com a disciplina. No caso da disciplina *y*, mesmo com todo o silêncio e organização da sala de aula, os alunos afirmaram não compreender o conteúdo. Diziam que, na verdade, possuíam muito medo da professora e sentiam-se inseguros com essa situação. Em *k*, os alunos afirmavam que o professor não se importava com eles e, por isso, eles também não se importavam com a sua disciplina. Régine Sirotá em seus estudos sobre a comunicação em sala de aula, afirma que na medida em que o processo de aprendizagem passa por um processo relacional, este pode situar-se na oposição ou na concordância, mas nunca indiferentemente. Essa interação entre o saber e o relacional determina tanto as possibilidades de aprendizagem do aluno quanto as condições de ensino do professor.<sup>12</sup> Dessa forma, para os jovens, o apressado ou não pela disciplina estava completamente associado ao sentimento que tinham pelo professor. A professora que era considerada preferida ganhou estima dos jovens, pois, segundo eles, os enxergava e se preocupava com eles. Mesmo quando brigava ou chamava atenção, os alunos diziam gostar porque ela estava certa e eles sabiam disso. Tudo isso contribuiu para o envolvimento ou não do jovem com a escola. O professor que conseguia enxergar esse jovem além de sua identidade de aluno, penetrando em seu universo, sendo capaz de compreender seus pontos fracos, acabava por motivar esse jovem a estudar. Quando havia uma relação que extrapolava a dualidade professor-aluno, os jovens sentiam-se mais interessados. E o professor também. Era como se essa relação saísse da obrigação que cada um tem de conviver com o outro, devido às obrigações escolares, criando um laço de sentimento, de consideração.

Para Dayrell essa tensão faz parte de uma relação que o jovem vivencia, num processo excludente: ser jovem ou ser aluno? Segundo o autor, são poucos aqueles que no ambiente escolar conseguem valorizar o aluno em sua condição juvenil. É como se o ser aluno excluísse o ser jovem, como se os alunos pudessem ou ser alunos ou jovens e não serem alunos jovens. Como a professora *x* era capaz de compreender as várias facetas desse aluno, desse jovem, a relação entre eles era produtiva. Perrenoud afirma que essa relação excludente só serve

---

<sup>12</sup> SIROTÁ, Régine. **A escola primária no cotidiano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p. 58.

para reafirmar a falta de sentido da escola para o aluno, com jovens sentindo-se pouco pertencentes àquele universo. É como se a escola fosse importante para um futuro distante, mas no presente, os saberes que deveriam ser adquiridos ali não fizessem nenhum sentido. Em suas falas os jovens deixam transparecer o que Charlot chama de sentido utilitarista da escola, pois a instituição só faz sentido quando ganha uma utilidade. E, nesse caso, a utilidade é a obtenção do diploma para uma possível ascensão social. Em relação aos saberes, aos conteúdos que aprendem em sala de aula, os jovens são evasivos. Declaram que a escola é importante, mas não sabem exatamente o que aprendem com ela. Percebe-se, então, que há uma via de mão dupla presente nessa relação com a escola: ao mesmo tempo em que acham a escola pouco interessante em relação à transmissão de saberes, precisam frequentar a escola na busca de um certificado escolar. A preocupação não é com o saber escolar em si mesmo, mas com a obtenção de um certificado, que constitui uma exigência do mercado de trabalho.

Ao serem questionados sobre a importância que a escola possuía, a maioria dos jovens respondeu que a escola era muito importante e fazia muita diferença em suas vidas. Ver tabela 3.

Tabela 3

---

### **A escola é importante para você?**

Tem importância muito grande porque é na escola que está o meu futuro.

A importância é ter oportunidade de evoluir na vida, de ter chance de ter um emprego.

A escola na minha vida é uma coisa muito importante porque é ela que vai me ajudar para saber as coisas para o futuro escolar.

A escola faz diferença na minha vida porque sem os estudos nós não somos nada. (...) Nós temos que estudar para sermos alguém no futuro. Estudar para mim significa futuro. Temos que estudar para no futuro trabalhar, para ter o que dar para nossos filhos. Porque até para ser gari temos que ter estudo.

Para que eu venha aprender e que no futuro eu venha usar o que aprendi (...). O estudo é tudo.

Tudo pra o meu futuro. Faz muita diferença. Sem ela qual iria ser o meu futuro? O meu futuro e o meu potencial?

A escola tem muita importância, pois eu posso ter um futuro melhor.

A escola faz muita diferença na minha vida porque se não existisse escola não existiria

---

---

futuro.

A escola é importante para mim porque com ela eu vou ter um futuro melhor. Escola faz sim diferença na minha vida.

A escola na minha vida é importante para mim ser alguém no futuro. Agora ela não faz diferença na minha vida, mas quando eu crescer vai fazer sim

A escola é muito importante para o futuro dos alunos, para arrumar um bom emprego, por exemplo. Ela faz bastante diferença porque nos instrui.

Faz diferença porque eu quero ser alguém na vida. Mas não diferença no momento, porém mais tarde, se eu não estudar, sentirei falta.

A importância da escola na minha vida é tudo porque quero ter um futuro bom e sem estudo não dá pra ter um futuro bom.

É importante porque no futuro pode me ajudar pra arrumar um emprego.

A importância da escola na minha vida é muita, pois é ela que vai me ajudar a ter uma vida melhor no futuro.

Nossa vida não é nada se nós não tivermos a escola porque hoje nós não somos nada se não tivermos estudo. Por isso é fundamental a escola em nossas vidas e com certeza faz diferença.

A importância da escola é que sem escola, sem estudo, eu não vou ser ninguém.

Tudo, pois meu futuro depende do estudo. A escola faz diferença sim porque se eu não estudar, como eu vou me formar?

---

Essa pergunta feita aos jovens fazia parte de um questionário com perguntas abertas em que cada um deveria responder individualmente. Em nenhum momento, antes da aplicação das perguntas, foi tocado na palavra futuro ou discutido sobre a importância da escola para vida de cada jovem. Sendo assim, cada resposta foi gerada por um pensamento único, que não sofreu influência direta no momento da elaboração das respostas. Impressiona a quantidade de falas que associa a escola ao futuro, que enxerga a escola como o caminho *para ser alguém*, como se só pudessem alcançar um futuro sonhado se frequentassem a escola. Nessas falas, a escola parece ser a única alternativa desses jovens, o único caminho ao qual eles têm acesso para transformar suas vidas. Transparece uma insatisfação com a vida presente vivida e expectativa de melhoria para o futuro. Melhoria essa que só será possível a partir da escola. Seria a busca pela ascensão social, mesmo que, na maioria das vezes, ela não se efetive.

A fala desses jovens também impressiona quando são questionados sobre o que realmente aprendem na escola. Já que a escola possui tanto valor em suas vidas, o que aprendem nesse ambiente? No que a escola colabora para transformá-los, para prepará-los para esse futuro tão sonhado? Ver tabela 4.

Tabela 4

<b>Você aprende coisas na escola? Se aprende, quais são essas coisas?</b>
Aprendo a matéria.
Aprendo as matérias novas.
Aprendo muitas coisas na escola, eu aprendo a elaborar texto, a fazer contos e etc. Aprendo sim, porque na escola eu tenho oportunidade de ver mais ou menos como a vida é mesmo.
Eu aprendo muita coisa nessa escola. Aprendo coisas dentro da matéria e aprendo coisas que não tem a ver com a matéria. Aprendo a conhecer pessoas novas, aprendo a ser mais educada, algumas coisas na matéria que eu achava que era um bicho de sete cabeças.
Claro que eu aprendo. Tudo graças a ela eu estou aqui e ela me ajudou a passar por tanta coisa que se eu for explicar era mais fácil eu voltar no tempo. Aprendo a respeitar o próximo.
Ser um bom aluno e ser muito inteligente. Aprendo a conviver em sociedade, a respeitar a diferença e o espaço do outro e ter um pouco de responsabilidade.
Eu aprendo muitas coisas, como por exemplo a ler e escrever. Eu aprendi a fazer contas, descobri muitas outras coisas. Na escola aprendemos muitas coisas. Há coisas que não chegamos a entender, mas na maioria das vezes aprendemos a boa convivência, as matérias, respeitar o direito do outro.
Eu aprendo na escola a ler, ser uma boa pessoa, ser estudante e aprendo também ser um bom aluno. Eu aprendo algumas coisas na escola: 1º as matérias, 2º aprendo a conviver e respeitar e ter educação.
Nós aprendemos modos. Eu aprendo várias coisas na escola, não só sobre as matérias, mas sobre outras coisas.
Eu aprendo as matérias. Eu aprendo na escola é ser uma aluna esforçada nas aulas, seguir em frente os estudos para ter um futuro melhor.

Eu aprendo as matérias mas não é só isso, eu aprendo a conviver com os outros.

Sim, Português, Matemática, História, etc.

Eu aprendo a matéria, que eu sempre esqueço no dia seguinte e várias coisas novas.

Eu aprendo a ser alguém na vida.

Eu aprendo na escola quase sempre... são as matérias dadas, são as coisas da vida.

Aprendo só bobagens, porque eu aprendo muita coisa que tenho certeza que não vou precisar.

Eu aprendo a me controlar em vários momentos.

Na escola eu aprendo a fazer amigos e dar valor a eles.

Eu aprendi o essencial para ser alguém na vida.

Nesses relatos muitos jovens afirmam que na escola aprendem a matéria, outros afirmam que às vezes aprendem a matéria e alguns dizem não aprender conteúdos com a escola. Quando questionados sobre que matéria é essa que aprendem, os jovens não conseguem explicar – respondem que aprendem a contar, que aprendem Matemática, Português, História, aprendem a ler e escrever. No entanto, não conseguem concretizar a idéia, trazendo utilidade a esses conteúdos. Com isso, muitos respondem que a escola não faz diferença em suas vidas agora, mas sabem que *no futuro ela contará muito*. Para Charlot, esses jovens atribuem à escola uma importância bastante relativa na aquisição dos saberes que consideram fundamentais para sua vida. Porém, existe uma espécie de silêncio a esse respeito. A importância da escola – “para vida futura”, “para ser alguém” – é reconhecida, mas chama a atenção o fato de os jovens não darem um destaque maior a esses conhecimentos especificamente escolares. Esse mesmo autor afirma que talvez a relação que se estabelece entre os jovens e os conteúdos curriculares não seja resultante do seu “desinteresse”, e sim da sua dificuldade em encontrar um “sentido” para aquilo que é ensinado. Esses jovens não encontram sentido nos aprendizados que a escola oferece para o presente, para a vida atual e depositam ali, todas as suas expectativas de futuro. No geral podemos afirmar que se configura uma ambigüidade caracterizada pela valorização do estudo como uma promessa futura, uma forma de garantir o mínimo de credencial para pleitear um lugar no mercado de trabalho, e pela possível falta de sentido que encontram no presente em suas vidas.

## 5.4

### Um presente “vivido”

Trata-se de propiciar a possibilidade de outra convivência e de novos significados para um presente democrático no interior da vida escolar capaz de sinalizar algum valor positivo para essas crianças, adolescentes e jovens.<sup>13</sup>

O jovem contemporâneo vive experiências variadas e as vezes contraditórias, constituindo-se como um ator plural, produto de experiências de socialização em contextos sociais múltiplos. Os valores apreendidos no âmbito da família, por exemplo, são confrontados com outros valores e modos de vida percebidos no âmbito do grupo de pares, da escola, mídia, etc. Pertence a contextos sociais variados, ampliando os universos sociais de referência. Maria da Graça Setton<sup>14</sup> ao trabalhar com a sociabilidade na contemporaneidade aponta para um certo esgotamento da visão clássica sobre o processo de socialização dos indivíduos. Segundo a autora, não é mais possível explicar a ação social a partir dos modelos clássicos - como o modelo da *tábula rasa*, de Durkheim - sugerindo, então, a noção de experiência colocada por François Dubet para designar as condutas individuais e coletivas dominadas pela heterogeneidade de princípios de orientação. Essa noção de experiência seria a forma mais adequada para designar condutas sociais que não são redutíveis a puras aplicações de códigos interiorizados.

Segundo Dubet, não há uma lógica única ou fundamental de ação que oriente e direcione a experiência do sujeito. Passando pela experiência social é que o indivíduo constrói o mundo. A questão da experiência não é sistematicamente coerente, homogênea e compatível para o indivíduo. Cada vez mais o contato com outros universos, além da família e escola, vem ocorrendo, transformando as lógicas de socialização da criança e do jovem<sup>15</sup>. Esses novos

---

<sup>13</sup> SPÓSITO, M. P. A instituição escolar e a violência. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**. Texto disponível em [www.iea.usp.br/observatorios/educacao](http://www.iea.usp.br/observatorios/educacao), p. 16.

<sup>14</sup> SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo social, revista de sociologia da USP**, v. 17, n. 2, novembro - 2005, pp. 335-350.

<sup>15</sup> Para análise das relações entre famílias populares e a escola ver: THIN, Daniel. Para uma análise das relações entre famílias populares e a escola: confrontação entre lógicas socializadoras. **Revista Brasileira de Educação**. v. 11, n. 32, maio/ago. 2006, p. 221-225.

universos acabam por apresentar situações heterogêneas, contraditórias e concorrentes no que se refere aos princípios de socialização, transformando esse indivíduo num ator plural, produto de experiências diversas em contextos sociais múltiplos. O jovem contemporâneo está exposto a ambientes diferenciados, laços fragmentados, espaços de socialização heterogêneos, concorrentes, sendo produto de processos de socialização cada vez mais diferenciados.

Conforme a sociedade foi se tornando cada vez mais complexa, com múltiplas redes de relações, os antigos modelos que analisam o processo de socialização tornaram-se incipientes, esgotados. O indivíduo contemporâneo, fruto de uma sociedade completamente envolvida pela alta tecnologia, pelos meios de comunicação de massa, entra em contato diariamente com novos universos, culturas, que interferem diretamente na construção de suas identidades. Não há mais uma identificação total, passiva e coerente das práticas desses sujeitos com os espaços institucionais que freqüentam, mas cada vez mais uma mistura de percepções. Os universos de referência do indivíduo se multiplicam a cada dia, oferecendo uma pluralidade de opções e escolhas, o que resulta numa imensa quantidade de padrões e valores identitários. Essa variedade inviabiliza o seu pertencimento apenas a reduzidos universos de socialização. Portanto, esse indivíduo concebe suas práticas e experiências sociais com base numa combinação de várias lógicas de ação, que os ligam a uma variedade de espaços institucionais.

A escola, bem como os diversos espaços educativos, tem papel fundamental nesse processo, pois aparece como um dos muitos universos socializadores pertencentes à vida do jovem. Certamente o processo de socialização do sujeito contemporâneo sofreu alterações. Atualmente, são muitos os universos de referência dos sujeitos. Porém, a escola ainda é um deles. Mesmo influenciados por diversas mídias, a escola ainda apresenta-se como forte elemento de socialização dos jovens. E por passarem grande parte de seu tempo

---

no ambiente escolar, vivenciam, convivem diariamente com pessoas e situações que o fazem agir e reagir, num contexto plural de influências.

O espaço escolar possibilita a convivência com a diversidade, onde os jovens têm a possibilidade de descobrirem-se diferentes dos outros, e principalmente aprender a conviver respeitando as diferenças. A escola aparece como um espaço aberto a uma vida não escolar, além das vivências restritas ao currículo e aprendizagens de sala de aula, numa comunidade juvenil de reconhecimento interpessoal. É em torno dessa sociabilidade que muitas vezes a escola e seu espaço físico são apropriados pelos jovens alunos e reelaborados, ganhando novos sentidos. Sendo assim, a relação que estes jovens mantêm com a escola está associada à obtenção de um certificado para ampliar suas chances no mercado de trabalho, o que não exclui a presença de outros significados igualmente importantes.

O objetivo maior dos jovens em relação à escola seria a busca pelo diploma. Em suas falas nota-se que a escola está associada a futuro, a mudança, a esperança. O sentido principal está, então, na conquista de um certificado escolar. No entanto, ao serem questionados sobre a importância da escola para o presente, para o momento atual de suas vidas, os jovens não conseguem encontrar uma resposta que não envolva a relação com o outro, com a sociabilidade.

Como afirma Perrenoud, nem tudo que se aprende na escola está no currículo formal. No ambiente escolar há lugar para uma gradação contínua de aprendizagens que não estão claramente associadas a meios didáticos ou a momentos previstos no horário escolar - os alunos se relacionam com o outro, trocam experiências, conversam, se sociabilizam. Essa vivência cotidiana da escola esteve muito presente na fala dos jovens selecionados para a presente pesquisa. Ao falarem sobre a importância da escola no seu dia a dia, no tempo presente – sem associá-la a conquistas futuras – a maioria dos jovens afirmou que, no presente, *a escola contribui muito sim, pois aprendo a respeitar o outro, faço amigos, converso, distraio minha cabeça*. Ou que *eu aprendo algumas coisas na escola: 1º as matérias, 2º aprendo a conviver e respeitar e ter educação*. Uma jovem afirmou que *na escola aprendemos muitas coisas. Há coisas que não chegamos a entender, mas na maioria das vezes aprendemos a boa convivência,*

*as matérias, respeitar o direito do outro, aprendemos outras coisas, além da matéria.*

Essas coisas além da matéria a que essa jovem se refere estão ligadas ao relacionamento com o outro. Dayrell afirma que, no cotidiano, a escola convive com uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos – alunos, professores, funcionários, pais – que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais ou coletivas, de transgressão ou de acordos, um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. Fruto da ação recíproca entre o sujeito e a instituição, esse processo, como tal, é heterogêneo. Nessa perspectiva, a realidade escolar aparece mediada, no cotidiano, pela apropriação, elaboração ou reelaboração expressas pelos sujeitos sociais, fazendo da instituição educativa um processo permanente de construção social. Nesse contexto, esses jovens constroem e reconstróem suas identidades partindo de experiências vividas. O ambiente escolar mostra-se para esse jovem como um local de relacionamento, troca, afetividade, lugar do encontro. No presente, esse seria, então, o sentido da escola na vida desses jovens. Ao mesmo tempo que a escola lhes serve como forma de conquistar sonhos futuros, no presente os jovens destacam a importância do relacionamento e de tudo aquilo que essas trocas de experiências implicam.

Para esse jovem de camada popular que mora em um local onde não há muitas alternativas de lazer – segundo os dados dos questionários, freqüentam bastante o shopping e *lan houses*. Raramente vão a cinemas, teatros ou participam de qualquer outra atividade cultural – a escola seria um dos principais ambientes em que esse indivíduo estaria em contato com o outro, fazendo amizades, trocando experiências. Dessa forma, o movimento da sociabilidade ocorre em um fluxo cotidiano, no intervalo entre as obrigações, no ir e vir da escola, na hora do lanche, nos momentos de descontração.

Foram recorrentes as falas que apontavam a escola como local que possibilita uma aprendizagem ampla, que vai além do currículo formal. Muitos alunos responderam que na escola *eu aprendo muito mais que a matéria, eu aprendo as coisas da vida*, como se a escola fosse realmente um ambiente onde esse sujeito aprendesse a se relacionar, a agir, a mediar relações, conflitos, lidar

com a diferença, conviver. Perrenoud afirma que na escola vive-se, age-se, está-se na vida ativa. As relações estabelecidas no ambiente escolar não estão isoladas do mundo, mas fazem parte dele e contribuem para o desenvolvimento do jovem na vida adulta. Para o autor, a função central da escola é instruir, mas ela participa da educação e é também um espaço de vida.

E é assim que os jovens a consideram. Através do discurso desses jovens pode-se notar que por mais que a escola pareça muitas vezes massacrante, enfadonha, cansativa em determinados aspectos, os adolescentes gostam de estar lá e retratam que se sentem a vontade naquele local. Quando questionados sobre os conteúdos e aulas, respondem com certa reserva o que gostam ou não, mas não demonstram prazer em ir à escola para assistirem essas aulas, aprenderem determinados conteúdos que consideram importantes. As aulas são importantes para o futuro, como já foi evidenciado, mas cansativas no presente. No entanto, os jovens afirmaram que viriam a escola todos os dias sim, mesmo que não fossem obrigados a isso para conquistarem o tão sonhado diploma. Imediatamente, a pergunta que se fez foi se isso parte de uma vontade de aprender nas aulas. Todos negaram, disseram que é importante aprender também, porém, de uma forma geral, o melhor da escola, o que faz com que eles tenham vontade de estar lá todos os dias, é o círculo de amizades e as experiências vividas naquele ambiente. Todos afirmaram sentirem-se bem no ambiente escolar no que se refere aos amigos, as pessoas. Muitos deles disseram que as amizades são o que a escola tem de melhor. E que é através dessas experiências vividas na escola que eles aprendem a respeitar, a serem solidários, desconfiados, responsáveis, pacientes, a mentir, a brigar, ajudar os outros, em suma, a entender as pessoas, conhecer a vida, saber quem se é.

Mesmo não encontrando sentido nos saberes que deveriam ser adquiridos ali, esses jovens atribuem outros sentidos a escola, além dos que deveriam ser motivados pelas aprendizagens do currículo formal. Esse jovem, que participa de contextos múltiplos de socialização advindos de uma sociedade em constante transformação – um jovem que vive num mundo globalizado, que recebe influências diversas de uma sociedade complexa – utiliza também a escola como espaço da vida. Para esse jovem de camada popular é ali que boa parte da trama da vida acontece. A escola seria o principal contato com o mundo, além da

família para esse jovem – principalmente no caso desses jovens, onde a escola é uma extensão do bairro, pois todos moram nos arredores da escola ou muito próximos a ela. Esses jovens continuam na escola a trama de relações que se estabelece fora dela, no bate papo a noite no portão, nas saídas para algum passeio, nas brincadeiras, encontros. Para esses adolescentes, a motivação que os faz ir a escola todos os dias é, justamente, a rede de relações que lá se estabelece.

O sentido no presente seria a socialização, a vida vivida naquele espaço.